Multiplica-se a divulgação espírita

Orson Peter Carrara – orsonpeter92@gmail.com

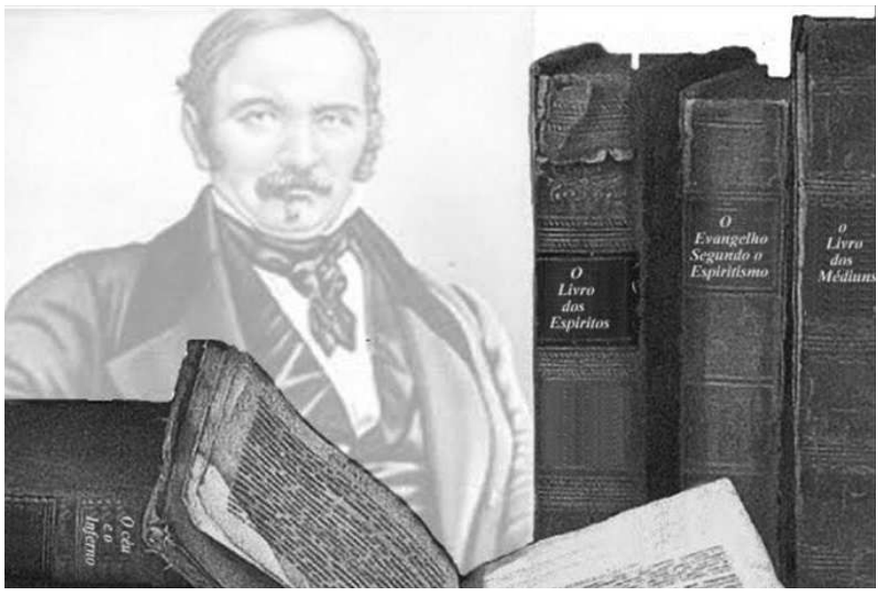
A rapidez com que se modificam os panoramas sociais, ao mesmo tempo que causa impactos difíceis de serem absorvidos, igualmente derruba velhos paradigmas, que facilitam ou dificultam o progresso. A lei de progresso fará a seleção natural do que é útil e do que pode ser dispensado. Enquanto isso, todavia, somos levados ao desafio das escolhas, como seres inteligentes dotados da liberdade de agir ou permanecer estacionado em velhos e ultrapassados patamares.

Nesses conflitos das decisões nem sempre saudáveis e das circunstâncias variadas, nesse gigantesco processo de aprendizagem e nos desafios diários das opções, a clareza do Evangelho surge como luz indispensável para uma vida equilibrada. A doce mensagem de Jesus, embasada no amor, convida-nos a uma nova postura, substituindo o homem velho estacionado nos preconceitos, no egoísmo e na violência, pelo homem renovado que abre a mentalidade para a solidariedade e para uma postura de amor e confiança em Deus.

E a Doutrina Espírita, esse farol que ilumina os caminhos humanos, presente conosco há mais de 150 anos, estruturada na lógica e no bom senso e especialmente embasada no Evangelho do Cristo, abre imensa perspectiva para um novo olhar sobre os problemas humanos.

Nessa direção multiplica-se a divulgação do pensamento espírita, uma vez que os adeptos do Espiritismo – quando tocados pela gravidade, importância e alcance de seu conteúdo – voltam-se a empenho de tornar conhecida e vivida a mensagem espírita. Desde que a decisão superior resolveu por despertar a humanidade para nossa realidade imortal, inúmeros e continuados esforços da inteligência e da sensibilidade – habitando corpos carnais ou durante permanência na realidade espiritual – movimentam-se para que essa luz imortal chegue ao maior número possível de mentes e corações, para igualmente beneficiá-los das bênçãos que alcançam aqueles que se deixam tocar. Convocados pelo amor, não se omitem e colocam-se a serviço.

Assim muitos e ilustres nomes se tornaram conhecidos nesse esforço. Entre eles destacam-se Bezerra de Menezes, Cairbar Schutel, Yvonne Pereira, entre inúmeros outros nomes que poderiam ser citados, somados a uma multidão de anônimos igualmente dedicados e presentes dentro e fora do movimento espírita, como Irmã Dulce – cujo centenário comemora-se agora em 2014.



Mas como nossa abordagem dedica-se especialmente ao público espírita, voltemos nossa atenção a esses esforços. Neste 2014 alcança-se 130 anos de fundação da Federação Espírita Brasileira; igualmente comemora-se o centenário de Herculano Pires e os 210 anos de Allan Kardec. Por outro lado, prosseguem os esforços a imprensa espírita com suas publicações que ora se multiplicam também na forma virtual, com a nova tecnologia que revolucionou a comunicação.

Esta publicação em mãos do leitor é fruto também desse esforço, que se soma a tantos outros. O exemplo de Cairbar Schutel, chamado de O Bandeirante do Espiritismo inspirou igualmente, além das publicações por ele fundada, o surgimento do jornal Tribuna Espírita, órgão oficial do Instituto Cairbar Schutel, que uniu forças com a Associação Chico Xavier, na mesma direção de outros órgãos de imprensa para divulgação do Espiritismo. Sugerimos sua visita, leitor, ao site do Instituto, onde poderá também visualizar a publicação, virtualmente disponível: www.institutocairbarschutel.org . De distribuição gratuita, está com tiragem de 12.000 exemplares, somando-se a outros esforços, como já dito.

É mesmo uma época notável. É a divulgação espírita que se multiplica em toda parte, para alcançar essa sensibilização naqueles que ainda não conhecem a força da lógica e do conforto oferecido pelo Espiritismo. E naturalmente igualmente motivar aos que nos dizemos adeptos do Espiritismo a uma postura nova, de reflexão e renovação moral.

Um encontro com Herculano

Admitir o absolutismo das Escrituras seria frustrar a evolução do Cristianismo, nos rumos da plena espiritualidade, que constitui ao mesmo tempo a sua essência e o seu destino, seu objetivo. (Herculano Pires. O Espírito e o Tempo. II parte, cap. II, n. 4.)

Sergio Aleixo

No último dia nove de março (de 2014) fez trinta e cinco anos que passou ao plano espiritual, também vítima de problema cardíaco, como Kardec, o maior intérprete do pensamento espírita contemporâneo, o jornalista, professor, escritor e filósofo José Herculano Pires. Gostaria de dizer-lhe o quanto lhe sou grato...

Eu era um rapaz de dezoito anos. De família lusa, fui católico praticante durante toda a pré-juventude. Crismado aos dezessete, costumo dizer que recebi mesmo o "dom" do Espírito Santo, pois me tornei espírita meses depois. Imitei mamãe, que o fizera havia pouco mais de dois anos.

Era 1988. Iniciei lendo *O Livro dos Médiuns* e frequentando uma reunião mediúnica pouco ortodoxa. Paralelamente, me vi também comunicador num programa radiofônico espiritualista, voltado, sobretudo, para estudos bíblicos, inspirados no entendimento de uma instituição que afirma até o presente, em falso, prosseguir de onde Kardec teria parado e se proclama, por este suposto motivo, a quarta revelação.

Porém, algo de que hoje estou muito certo explica tudo. A personalidade do fundador de tal instituição foi vivificada, no século 20, pelo Espírito que animou o maior antagonista de Kardec no século 19: o advogado J.-B. Roustaing [1805?-1879]. Também este último dizia em França: "Precedemos e preparamos o novo advento do Messias, que virá sancionar a verdade e mostrá-la sem véus".

Quando li a parte de prefácio ora ausente de *Os Quatro Evangelhos*, não tive dúvidas. Roustaing esteve reencarnado no século 20 e incidira na mesma falta de outrora: pretendeu superar a doutrina espírita, a codificação kardeciana, a terceira e definitiva revelação da lei de Deus aos homens, o Evangelho restabelecido pelo próprio Cristo e somente por seus verdadeiros colaboradores celestes posto em marcha irrefreável de evolução.

Roustaing acusava Kardec, ali, de ser o "chefe" de uma "igrejinha com seus corrilhos, entregue às lutas liliputianas". Todavia, cultivando a infalibilidade bíblica, o primeiro é que assegurava que a sua obra traria "a desejada fusão das seitas religiosas diversas: catolicismo, protestantismo, budismo, judaísmo, bramanismo, maometismo e a religião dos selvagens e das tribos". Para ele, eram as "primícias da igreja una e indivisível do Cristo".

Felizmente, hoje sei que Jesus não é um fenômeno restrito à Bíblia, para cuja verdadeira compreensão Herculano e Kardec um dia me despertaram, ao dizerem: "Devemos respeitar a Bíblia no seu exato valor, mas nunca fazer dela um mito, um novo bezerro de ouro. Deus não ditou nem dita livros aos homens". (*Visão Espírita da Bíblia*. Coisas terríveis e ingênuas figuram nos livros bíblicos.) "[...] desde que Jesus não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não poderão ter sabido mais do que eles com relação ao que foi dito." (*A Gênese*, XVII, 37.)

A insubmissão, no entanto, ao entendimento doutrinário espírita, reinava à minha volta.

O Espiritismo era considerado boa interpretação do Evangelho; entretanto, meramente humana. A mística do divinismo bíblico evidenciava-se em meus pares, porquanto, que interpretação poderia afinal não ser humana se mesmo os Espíritos não são senão homens?

Necessário se fazia desembaraçar-me da influência arquetípica dos mitos de excomunhão, não percebidos pela maioria dorminhoca dos religiosos tradicionais, mas que as políticas das sinagogas e das igrejas fizeram pesar sobre nós tão ferozmente, como produto de séculos de brutal dominação.

Cumpria-me ser coerente com a doutrina que abraçara... Estava só, mas cidadão universal liberto do tradicional gregarismo aprisionador. O Espírito de Verdade me reservara constatar ao vivo e em cores a importância superlativa de mantermos vínculo com sua causa, antes de estabelecê-lo com esta ou aquela casa. O preço fora alto. Mas os Bons Espíritos haviam cuidado para que não me faltasse um tostão sequer da moeda corrente na forte economia de qualquer consciência espírita formada no estudo e na reflexão de seus clássicos imortais.

Minha identificação com a proposta espírita, devo-a a Kardec e a minha mãe, antes de todos; mas, em especial, a José Herculano Pires. Suas memoráveis obras *Visão Espírita da Bíblia* e *Revisão do Cristianismo* salvaram-me do ostracismo, do qual minhas boas intenções e total sinceridade, bem como de meus pares, não me podiam livrar.

Corria 1991. E hoje entendo que ainda não era propriamente espírita. Não bastava desposar a imortalidade, a reencarnação, a mediunidade, como se um favor estivesse fazendo ao Espiritismo. Com seu pensamento arrojado e superiormente esclarecido, Herculano me demonstrara ser preciso conjugar estes postulados conforme as legítimas proposituras kardecianas, sem sacrificá-las às heranças jesuíticas de nossa Pátria. Imperioso era selar com a legitimidade doutrinária um compromisso indissolúvel. Esta necessidade pulsava, então, em todo o meu ser, embora eu já temesse por assumir na prática suas consequências. Tudo se concretizou.

Em definitivo, Herculano me fizera ver que o Espiritismo era uma ciência e também uma revelação. Necessário que eu aprendesse a desaprender. Somente assim estaria apto à luz solar do Cristo retornado ao mundo mediante as letras de fogo da codificação kardeciana.

Lamentavelmente, eu e meus pares ainda considerávamos as obras do mestre francês mero adendo às Escrituras, simples recordação daquilo que a Bíblia consagrava mais ou menos fielmente como "ensino" cristão. Faltava-nos ter em vista mais intensamente o frágil e temerário processo assim descortinado pelo Apóstolo de Kardec:

> [...] na elaboração tardia dos textos evangélicos, em tempos e lugares diferentes, com os dados fornecidos pelas *logias* (anotações de apóstolos e discípulos) ou mesmo de informações orais deturpadas pelo tempo, transfiguradas pelo sentimento de veneração que crescera através dos anos, os elementos míticos se infiltravam no relato, amoldando a realidade distante às condições mitológicas da época. (*Revisão do Cristianismo*, I.)

Decerto, isto é que levou os Espíritos Superiores a revelarem ao pedagogo Rivail que o Espiritismo é "a única tradição verdadeiramente cristã", bem como "a única instituição verdadeiramente divina e humana". (*Obras Póstumas*, 9 de agosto de 1863.)

Apesar da crítica firme de Herculano, o chão nunca me faltava. Em sua habilidade de educador extremado, ele me apresentava o Espiritismo na independência absoluta de sua integridade conceitual, na posse de sua inquebrantável identidade espiritual e histórica, de sua grandeza insuperável, porque despojado daquela subcondição de meia-verdade que lhe atribuíram meus esforços neófitos de compreensão, mal assessorados ao demais.

Mas de nada maldigo. Tudo são elos. Dos contrastes mais chocantes é que resultam em geral as experiências definitivamente norteadoras do nosso futuro. Bendigo de tudo e de todos, sem os quais teria permanecido estacionário, sem os quais não teria dado sequer um passo em direção a mim mesmo. Eu haveria permanecido eterna presa do jogo confuso de espelhos em que se traduz a busca de uma possível identidade luminosa neste mundo

repleto de sombras.

Desculpe-me o leitor por este breve recorte autobiográfico. Entretanto, não devo ocultar a verdade do contexto algo insalubre e contraditório em que José Herculano Pires se me afigurou indispensável não só ao Espiritismo e aos verdadeiros espíritas, mas ao porvir humano. O grande filósofo está indelevelmente guindado à compreensão mais perfeita do Espiritismo e este, por sua vez, conforme revelado a Kardec, há de tomar lugar no processo geral do conhecimento. (Cf. *O Livro dos Espíritos*, 798.)

Como definir, então, o fenômeno Herculano Pires, passados trinta anos de sua volta ao plano do espírito? Eu diria que se trata da síntese perfeita de um pensamento filosófico singularmente engajado e essencialmente fecundo, aliado a uma genuína autoridade cultural e espiritual. Estou convencido de que só uma urgente valorização superlativa da obra piresiana é capaz de promover o encontro efetivo do movimento espírita com seus melhores destinos, a despeito dos dignos esforços que foram encetados até aqui; os mediúnicos, inclusive.

O desenvolvimento real da doutrina espírita, como dizia Herculano, se dá fundamentalmente em termos de pesquisa científica e de reflexão filosófica, e não apenas mediante revelações espirituais. Ao oposto das obtidas por Kardec no século 19, muitas "revelações" de nosso tempo quase sempre têm hesitado em submeter-se ao crivo de razão mais severa. Geralmente protegidas por supostas lições de uma moral que sempre se esquiva na antessala da hipocrisia, terminam pulverizando qualquer possibilidade de crítica no sentido substantivo da palavra: análise. Isso não guarda identidade com o Espiritismo nem com a sua proposta de fé raciocinada; constitui antes um campo fértil aos oportunistas e mistificadores encarnados e desencarnados.

Substancialmente, a grande e definitiva intenção de J. Herculano Pires foi reaviar-nos para a estrada segura pela qual Kardec nos conduziu um dia, sob os diretos auspícios do Espírito de Verdade. Este último, sim, o próprio Cristo que voltou "com poder e grande glória", mas o poder do verdadeiro amor e a glória do sumo bem, elevados à última potência na mais alta verdade da doutrina espírita. Hoje eu o sei e o proclamo, alto e bom som, com Herculano: "É tempo de compreendermos que Jesus de Nazaré não voltou das nuvens de Betânia, mas em espírito e verdade, para conduzir-nos a toda a verdade prometida". (*Revisão do Cristianismo*. Prefácio.)

Como o definiu seu biógrafo e amigo, o também jornalista Jorge Rizzini, desencarnado a 17 de outubro de 2008, Herculano era "um homem múltiplo". Deste modo, não posso escapar à limitação de enxergá-lo segundo a ótica do impacto que sua obra provocou em mim. Embora fique devendo a essa multiplicidade de Herculano muito da grandeza dos alcances que lhe são peculiares, costumo defini-lo ainda como a maior profissão de fé espírita em linha reta do século 20.

Ao mestre J. Herculano Pires, o meu: "Muito obrigado!". Que Jesus Cristo lhe confira a coroa de louros devida, no panteão da imortalidade, aos grandes campeões de sua doutrina rediviva na Terra.

Extraído do Livro
"O Metro que Melhor Mediu Kardec"
(http://ometroquemelhormediukardec.blogspot.com.br/)

pharmácia
princípio vegetal
manipulação & nutrição
Rua José de Alvarenga, 569 - Sobrado - Centro - Duque de Caxias - CEP 25020-140 - RJ
Tel.: (21) 2771-2861